

Daniele Nunes Henrique Silva



**Imaginação,
criança
e escola**



**summus
editorial**

IMAGINAÇÃO, CRIANÇA E ESCOLA

Copyright © 2012 by Daniele Nunes Henrique Silva
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Editora assistente: **Saete Del Guerra**

Capa: **Gabrielly Silva**

Projeto gráfico e diagramação: **Acqua Estúdio Gráfico**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.summus.com.br>
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3873-7085
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

<i>Apresentação da coleção</i>	9
<i>Prefácio</i>	11
1. Imaginação, processos criativos e infância	15
Introdução	15
Imaginação e atividade criadora na perspectiva histórico-cultural	16
Fantasia e realidade: a base sociogenética da imaginação	20
Imaginação e infância	23
A perspectiva histórico-cultural e a imaginação: a dimensão sensível (e embrionariamente artística) dos processos criativos da criança	25
Relembrando	34
Sugestão de atividades	35
2. Imaginação na escola: múltiplos olhares	37
Introdução	37
Educação, imaginação e práticas pedagógicas	37
A imaginação e as dinâmicas interativas na sala de aula	45
Relembrando	51
Sugestão de atividades	52

3. Entrando na imaginação: a interação adulto-criança e criança-criança na sala de aula	55
Introdução	55
Cenas e movimentos imaginativos na sala de aula	55
Relembrando	76
Sugestão de atividades	77
4. Entrando na imaginação: como as crianças organizam (entre si) composições criativas	79
Introdução	79
Interação na sala de aula: a criação de enredos imaginativos	79
Relembrando	93
Sugestão de atividades	93
5. Entrando na imaginação: o que pensam as crianças sobre o ato de imaginar	95
Introdução	95
A opinião das crianças sobre suas experiências criativas na escola	95
Relembrando	103
Sugestão de atividades	104
6. Comentários gerais	105
<i>Posfácio</i>	111
<i>Referências bibliográficas</i>	115

A apresentação da coleção

A coleção “Imaginar e criar na educação infantil” tem como principal objetivo ampliar a discussão sobre as atividades criadoras infantis e seus desdobramentos educacionais. Partindo, centralmente, da contribuição teórica da perspectiva histórico-cultural (Lev Semionovich Vygotsky¹ e colaboradores), os textos que compõem a coleção buscam preencher uma lacuna nas publicações voltadas para a formação docente em educação infantil, no que tange à problemática que envolve os processos de imaginação da criança pequena.

Aqui, a brincadeira de faz de conta, a narrativa e o desenho, entre outros, são dimensões que caracterizam e qualificam a produção cultural da criança pequena e, por isso, merecem dos educadores um olhar privilegiado e atenção especial.

Não se trata de um manual, nem mesmo de um compêndio teórico. Pretendemos, de fato, compor um tipo de leitura que aproxime o leitor dos temas complexos implicados no desenvolvimento da criança, chamando a atenção para suas esferas criativas de expressão e representação do/no mundo.

Tentamos criar uma ponte entre as pesquisas mais atuais produzidas pela educação, pela psicologia e por áreas afins (em diferentes universidades brasileiras) – organizadas em forma de teses e dissertações

1. Dada a diversidade de formas de grafar o nome de Vygotsky (Vygotsky, Vygotski ou Vigotski), adotaremos a forma Vygotsky quando esse autor for mencionado sem que haja citação bibliográfica. Quando houver, grafaremos conforme as editoras brasileiras de suas obras.

– e as rodas da sala de aula. Para obter êxito nesse traslado, que não é muito simples, decidimos montar uma edição que pudesse ser bem amiga do leitor-professor; um texto com pistas para garantir maior proximidade com o conteúdo teórico exposto nos livros articulado à realidade da escola e aos problemas lá enfrentados.

Sem perder a profundidade acadêmica necessária à abordagem dos temas selecionados, mas ganhando uma dinamicidade na leitura, pensamos em uma edição com boxes explicativos, episódios de sala de aula e sugestão de atividades (estas últimas estruturadas por professores da educação infantil espalhados pelo Brasil).

O nosso foco é você, educador, que está do outro lado vendo tudo acontecer, sentindo (na pele) todas as transformações brotadas da/na sala de aula, desejoso de diálogo.

Daniele Nunes Henrique Silva

Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (UnB)

Prefácio

O título deste livro, *Imaginação, criança e escola*, constitui, ao mesmo tempo, um convite ao leitor para escrutinar os conteúdos de cada um desses termos diferentes e um desafio para encontrar um vínculo conceitual articulador entre eles que permita construir um quadro teórico sustentável sobre a natureza e a finalidade da educação infantil nos meios escolares.

Na condição de termos substantivos (imaginação, criança e escola), cada qual se define por um campo próprio de *significação* que, em si mesmo, é diferente do campo dos outros dois. O caminho para enfrentar o desafio que eles lançam ao leitor é, portanto, encontrar o(s) eixo(s) central(ais) de cada um desses campos significativos para estabelecer possíveis enlaces significativos ou semióticos.

O termo “imaginação” encerra em si uma (certa) ambiguidade que explica as frequentes dificuldades que pessoas comuns (e até mesmo alguns especialistas) encontram para lidar com ele, pois pode ser entendido de formas diferentes, desde as mais *elementares* até as mais *sofisticadas* (elaboradas pela ciência). Todavia, o problema não está na existência de diferentes concepções a respeito da imaginação, mas nas consequências que estas podem ter para a compreensão do ser humano. Vejamos algumas concepções a que o termo “imaginação” pode remeter.

A ideia mais elementar é fazer da imaginação uma característica ou “faculdade” (no sentido da antiga psicologia) inerente à natureza humana. Ou seja, algo que está lá desde o início da vida do indivíduo e, à semelhança do que ocorre com as outras características ou “faculda-

des” biológicas e psicofisiológicas, deverá “amadurecer” sob a ação do tempo e das condições favoráveis do meio até se tornar elementos constitutivos do modo de ser e de agir do indivíduo adulto. Isso quer dizer que, sendo de origem natural, a imaginação se desenvolverá naturalmente como todas as outras características ou “faculdades” do homem.

Outra concepção, bastante elementar ainda, é aquela que faz da imaginação uma espécie de lócus do organismo onde habitam as imagens que, por não serem inatas, aparecem no tempo em consequência das *impressões sensoriais* que o meio produz no organismo humano. Nesse caso a imaginação acaba sendo entendida como uma espécie de arquivo de memória digital de onde as imagens podem ser “extraídas” pelo indivíduo para uso e consumo na vida cotidiana.

Mas a imaginação pode ser entendida, ainda, como a “faculdade” – semelhante às outras de que dispõe o ser humano (inteligência, memória, linguagem etc.) – que permite ao indivíduo operar com as imagens (atividade de imaginar) para pensar e criar seus “mundos de fantasia” que se sobrepõem ao mundo do real concreto. Entendida assim, a imaginação não é apenas um lócus no qual habitam as imagens, mas sobretudo uma espécie de “factoria” onde elas são elaboradas e reelaboradas. Ora, ao associar as imagens, abre-se uma nova forma de entender a imaginação e sua função no desenvolvimento do homem. Refiro-me, especificamente, à *perspectiva histórico-cultural*.

Embora não seja a única forma possível de compreender a imaginação, é aquela que, como se vê neste livro de Daniele Nunes, permite compreender melhor a natureza *humana* do homem. Essa nova forma de entender a imaginação está fundada em alguns pressupostos básicos dessa “perspectiva” na qual se funda o pensamento da autora. São eles: o ser humano é um ser biológico, surgido num momento da longa evolução das espécies vivas que, ao longo de sua história, adquiriu a capacidade inédita de transformar a natureza e de transformar-se ele mesmo como parte dela, criando suas condições de existência.

Transformar a natureza e transformar-se enquanto parte dela significa conferir à natureza e a si mesmo uma nova forma de existência: uma existência simbólica. Em outros termos, no caso do homem, é desenvolver novas funções que a perspectiva histórico-cultural denomina

funções superiores ou simbólicas, que, articulando-se com as denominadas *funções naturais* ou biológicas, passam a compor a natureza *humana* do homem: uma natureza ao mesmo tempo *biológica* e *simbólica*.

Aplicando isso à questão da imaginação, veremos que ter imagens é obra de um sistema neurológico, existente em graus diferentes em grande parte dos seres vivos. Assim, ter imagens é uma condição biológica dos *primatas*, dos quais descendem os homens, que herdaram essa característica ou *função biológica*.

Uma característica ou função que, com o desenvolvimento crescente do cérebro e a emergência da consciência, se transformou numa função simbólica que, em termos simples, significa a capacidade de atribuir às imagens que se formam nele uma *significação* integrada no complexo sistema interfuncional – das funções de *pensar* (pensamento), de *falar* (linguagem) e de *agir* (atividade).

Na leitura atenta desta obra, o leitor poderá entregar-se ao desafio de descobrir quão importante é a imaginação na constituição criadora da criança e encontrar as articulações existentes entre a imaginação e a escola. Emergirá, assim, a importância que a escola pode ter na formação (educação) da natureza *humana* da criança.

Angel Pino

Professor livre-docente da Faculdade de Educação da
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

1

Imaginação, processos criativos e infância

Introdução

O principal interesse deste capítulo é problematizar os modos de configuração das manifestações imaginativas na infância. A base teórica pauta-se nas contribuições conceituais da perspectiva histórico-cultural sobre o desenvolvimento humano, em especial as reflexões de L. S. Vygostky e seus colaboradores.

Para os teóricos da corrente histórico-cultural, a ação criadora manifesta-se ao longo de todo o desenvolvimento e assume contornos específicos na infância. De fato, as formas de as crianças configurarem suas expressões criativas por meio de brincadeiras, narrativas, desenhos etc. indicam não somente seus modos de pensar sobre o real, mas também de senti-lo e interpretá-lo.

Ao final, observaremos que as relações entre a experiência cultural e a composição de nossa imaginação são interdependentes. Ou seja, os frutos de nossa imaginação têm origem na forma como vivemos e apreendemos a realidade que nos circunda. A imaginação, diferentemente do que muitos acreditam, não é um mero devaneio, um passatempo ou uma ilusão infantil. Ao contrário, ela é a base para o pensamento, a criação e o conhecimento do mundo.

Este capítulo propõe:

- Abordar os principais conceitos da perspectiva histórico-cultural.
- Refletir sobre a importância dos processos criativos na ontogênese.
- Apresentar conceitualmente a função das atividades criadoras (narrativa, faz de conta e desenho) no desenvolvimento infantil.

Imaginação e atividade criadora na perspectiva histórico-cultural

No século XX, o tema da imaginação foi abordado por diversos campos de produção científica. Os trabalhos no campo da filosofia (Sartre, 1964, 1996), da psicologia do desenvolvimento (Piaget, 1975; Vygotsky, 1987, 1991, 1999, 1999a) e da psicanálise (Bernis, 2003) buscaram desvendar as inúmeras relações entre a produção de imagens, a percepção do real e a configuração da imaginação humana.

As disputas analíticas sobre realidade *versus* virtualidade, imaginação *versus* imaginário etc. desdobraram-se de forma não consensual em pesquisas no campo das ciências humanas e sociais.

Hoje, a imaginação é discutida do ponto de vista da problematização das relações entre o real e a virtualidade, tendo como pano de fundo as transformações tecnológicas operadas no campo da comunicação (particularmente pela internet) e seus impactos na produção de subjetividades. Jean Baudrillard, Edgar Morin e Gilles Deleuze, entre outros, são autores contemporâneos que têm se dedicado aos estudos dessas temáticas, provocando grandes debates sobre o conceito de imaginação, imaginário e realidade.

Entretanto, os esforços de compreender o funcionamento imaginativo e toda a complexa configuração conceitual que o envolve, na maioria das vezes, apresentaram-se de forma difusa e não complementar nas distintas análises teóricas. Ou seja, mesmo tratando de assunto em comum, as teorias não dialogam entre si.

Sem dúvida, os modos de conceber a produção e a criação de imagens divergem em virtude da tensão apresentada nos diferentes referenciais epistemológicos em que os autores se sustentam teoricamente. Tal divergência, apesar de muito proveitosa, coloca o tema em uma área conflituosa, em que a delimitação conceitual se faz necessária.

Para os autores da corrente histórico-cultural, a base de sustentação teórica encontra nas contribuições da perspectiva materialista his-